

DESEJO INSÓLITO

Por Janailson Macêdo

Ana, minha esposa, está grávida de cinco meses do nosso primogênito e vem surpreendendo a mim e a si mesma com desejos cada vez mais exóticos. O último deles ocorreu na semana passada, iniciado a partir de uma singela descoberta, que em si não apresentava nada de especial.

Era fim de tarde e nós arrumávamos a despensa, quando minha esposa encontrou, no fundo de um armário, uma pequena sacolinha plástica branca com uma inidentificável coisinha miúda no interior. Após ela desatar o nó frouxo das alças e abrir o saco, deparamo-nos com um murcho e solitário pão francês, que deveria estar ali há semanas, pois sua superfície já se encontrava completamente revestida por minúsculos fungozinhos cinzentos.

Normalmente, numa situação como esta, eu veria minha esposa pegar o alimento mofado bem com a pontinha dos dedos e carregá-lo, com certo desprezo, até a lixeirinha de plástico da cozinha, afastando-o o máximo possível de si durante o trajeto. Em seguida, com o rosto tomado por sinais de repulsa e nojo, ela pisaria concentrada no mecanismo que faz a tampa da lixeira levantar e, sutil, largaria o saco, esperando que se cumprisse a lei da gravidade. Com certeza, ela só ficaria satisfeita ao ver a tampa da lixeira se fechar, sinal de que não dividiria de novo o espaço com o artefato nojento.

Desta vez, porém, sua reação foi bem diferente: Ana ficou estática, hipnotizada, contemplando o pão carcomido pelo mofo. Desenhou-se naquele momento em seu rosto uma expressão de cobiça e prazer repentino, que só costumava aparecer em momentos prazerosos, como na vez que a presenteei com um delicioso bolo de chocolate, em comemoração aos nossos seis meses de casamento.

Súbito, Ana voltou a si e percebeu que eu a observava com uma fosforescente interrogação na testa. Para não deixar transparecer ainda mais o que se processava em seu interior, ela reconfigurou rapidamente o semblante, cessando abruptamente

a exteriorização facial dos pensamentos. Logo depois, fechou de forma mecânica o saco e o levou com aparente desinteresse até a lixeira.

Eu não sabia, mas aquela indiferença era só externa. No íntimo, minha mulher lutava contra um forte impulso que a incitava a devorar, de imediato, o alimento mofado. Ana apetecia secretamente o que mais se assemelhava à lembrança ou ao cadáver de um pão. Via-o se derreter em sua boca, completando uma espécie de lacuna imaginária, e projetava mentalmente o clímax do contato com tal delícia, momento de raro orgasmo alimentício.

A atípica vontade parecia incontrolável. Nos primeiros minutos ela ainda era pendular e dava pequenas tréguas a minha esposa. Depois de algum tempo, entretanto, Ana tinha que se esforçar cada vez mais para conseguir redirecionar o foco de sua atenção.

Lembro-me que, à noite, durante o jantar, ela nem tocou no filé de peixe ao creme preparado por mim, mesmo se tratando de um dos seus pratos favoritos. Perguntei-lhe se havia algo errado. Ela me respondeu que não, que apenas perdera o apetite. Ana não me revelou no momento, mas sua mente teimosa e fidelíssima não estava abrindo vagas para possíveis concorrentes do pão mofado.

A todo o momento, sua resistência era testada. Além de atrapalhar o jantar, a recorrente imagem do pão a impediu de se concentrar na frente da tevê e não a deixou pregar os olhos durante o início da madrugada. Ana passou horas deitada sem conseguir dormir, pensando apenas no bendito pão mofado, enquanto que eu já estava num estágio profundo do sono.

Como ela sofreu com aquela intensa e demorada disputa! De um lado, sua consciência dizia não ao capricho insano. Do outro, o insólito desejo de grávida propunha em tom capcioso: “sacia-me e te liberto”. Lá por volta das três da manhã, contudo, ocorreu o nocaute. Depois de vários rounds, o desejo venceu a luta, apelando para o ponto fraco da adversária: o cansaço.

De repente, fui despertado por uma pequena vibração na cama. Por reflexo, ergui o rosto e flagrei minha mulher escapulindo do nosso quarto na pontinha dos pés. “Para onde ela está indo?”, pensei. “E o que está aprontando a esta hora?”

Sem conseguir conter a curiosidade, levantei-me e comecei a segui-la, discretamente. Ainda bem que o acender de uma lâmpada lhe entregou rápido o ponto de destino: a cozinha. Para onde logo me dirigi.

Da entrada da cozinha, sem transpor a linha da porta, fiquei observando, com cuidado, o que a minha esposa estava fazendo. Vi-a então segurando uma sacola branca, que desempenhava a função de guardanapo para algo semelhante a um sanduíche. Ao olhar mais atentamente, porém, constatei que não se tratava de um sanduíche, era algo menor, talvez um pãozinho pequeno. Foi nesse momento que, ao observar a expressão em seu rosto, a mesma de mais cedo, outra ideia me veio à cabeça: Ana não tinha um sanduíche em suas mãos, ela segurava o mesmo pão do fim da tarde anterior; sim, ela segurava o mesmo pão mofado, que se desmanchava entre seus dedos enquanto era levado, vagarosamente, até sua boca.

“O que você está fazendo?”, perguntei, penetrando na cozinha, como forma de ter a presença notada e evitar a catástrofe. Pude ver neste momento o encanto sendo quebrado, fazendo-a se dar conta do ato que estivera prestes a praticar. Envergonhada, ela largou o saco com o pão em cima da mesa e me lançou um cativante olhar felino, típico de quem foi pego fazendo alguma travessura. Olhar este que depois traduzi como sendo um misto de: “É! Fazer o quê? Essas coisas acontecem!” e “Que foi? Vai dizer que, às vezes, você também não tem impulsos e desejos esquisitos?”

Ana parecia ter despertado de um longo pesadelo e rapidamente tratou de devolver a coisa mofada para o seu lugar: o lixo. Ela aparentava ter finalmente solucionado o problema e voltado ao seu estado normal.

Quando deitamos, ela me contou detalhadamente a batalha que enfrentara nas últimas horas, e logo em seguida, deixou-se levar pelo sono. Eu, por outro lado, passei ainda alguns minutos refletindo e especulando sobre o que faz certas grávidas terem desejos tão fora do comum...

No entanto, a peleja da minha mulher com o desejo insólito parece que não acabou por aí. No outro dia logo cedo - durante a preparação do meu café da manhã - fui jogar uma embalagem de biscoitos na lixeira da cozinha e percebi que o pão mofado não estava mais lá dentro. Certamente não fui eu quem o retirou de lá, e nenhuma outra pessoa poderia ter mexido naquele local, a não ser a minha esposa, que ainda estava deitada àquela hora. Será que o desejo retornou e a fez levantar de novo no meio da madrugada? Será que ela não poderia ter vencido tão facilmente a batalha contra uma força tão potente? Já se passou uma semana e eu ainda não a questionei acerca daquele desaparecimento. Hoje, porém, decidi! Vou saciar minha

curiosidade, vou lhe perguntar sobre o destino do pão mofado! Quem sabe, um dia, eu conte o que aconteceu afinal...

JANILSON MACÊDO LUIZ (Paraíba) - Escritor, professor e estudante de História.